

---

## **A CONTRIBUIÇÃO DOS MONUMENTOS HISTÓRICOS PARA A CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL**

**Ciências Humanas**

Artigo de revisão

**Juliana Natal da Silva<sup>1</sup>; Richard da Silva<sup>1</sup>; Rosani Hobold Duarte<sup>1</sup>;  
Vandrea Vigarani Dorregão<sup>1</sup>**

### **1. Centro Universitário Barriga Verde - Unibave**

**Resumo:** Tendo como tema Arte e Memória Social, o presente artigo visa compreender a efetiva contribuição da arte, em especial dos monumentos históricos, como estímulo à imaginação no sentido de promover e valorizar a memória social, com vistas a responder ao seguinte questionamento: qual é a contribuição da arte, especificamente dos monumentos históricos, para o resgate e preservação da memória social? Partindo de uma pesquisa bibliográfica para fundamentar o referencial teórico, são utilizadas várias obras, de diferentes autores especializados, para abordar a memória e a memória social, dando ênfase aos monumentos históricos. Destaca-se que, conforme os estudos realizados, ao preservar-se as memórias sociais de grupos e sociedades, serão, ao mesmo tempo, valorizadas as memórias individuais de pessoas, principalmente idosos, que participaram, direta ou indiretamente, das experiências e acontecimentos que deram origem aos monumentos históricos. Deste modo, acredita-se, após todas as pesquisas efetuadas, que a arte exerce papel fundamental no estímulo à imaginação e no desenvolvimento e enriquecimento da memória, tendo papel decisivo no que diz respeito à valorização da memória social, especialmente no que diz respeito aos monumentos históricos.

**Palavras-chave:** Memória. Memória social. Arte. Monumentos históricos.

### **THE CONTRIBUTION OF HISTORIC MONUMENTS ON THE ESTABLISHMENT OF SOCIAL MEMORY**

**Abstract:** Entitled as Art and Social Memory, the current article aims to understand the effective contribution of art, especially the historical monuments as a stimulus to the imagination to rescue and enhance the social memory in order to answer the following question: "How can art contribute, specially the historical monuments to rescue and preserve the social memory? Based on a bibliographical research to found the theoretical framework in this article mentioned, various works from different and specialized authors were used to approach the memory and the social memory, highlighting in particular the historical monuments. It's important to

---

note that according to researches, when preserving social memories from groups and societies, individual memories specially from the elderly who participated directly or indirectly in the experiences and events that gave rise to historical monuments will be valued. Thus, it is believed that the art plays an important role in stimulating the imagination and also in developing and enhancing the memory, and it has a decisive role regarding the enhancement of the social memory, especially regarding the historical monuments.

**Keywords:** Memory. Social memory. Art. Historic Monuments.

## **Introdução**

O conhecimento é construído a partir das experiências vividas, as quais são produzidas, reproduzidas e repassadas socialmente. E nesse vivenciar fatos, coisas, sentimentos, nos erros e acertos ao longo da vida e da história, vão construindo-se memórias, lembranças inesquecíveis que não apenas formam e enriquecem a personalidade de cada indivíduo, mas, também, contribuem para ensinar e transmitir informações, conteúdos e valores inestimáveis às novas gerações, tornando-se parte da memória social construída ao longo de séculos e séculos de desenvolvimento e evolução, unindo passado, presente e futuro.

Neste sentido, como a arte está presente no cotidiano da humanidade desde o início dos tempos, suas infinitas formas de expressão também deram origem aos monumentos, especialmente os históricos, estruturas erguidas com o objetivo de eternizar figuras históricas ou feitos memoráveis, assim como auxiliaram na conscientização sobre o valor de construções antigas, lembranças de tempos que nunca devem ser esquecidos pela memória social em função de sua contribuição para os interesses coletivos, das mensagens e histórias que fazem do passado uma ponte para o presente com vistas à construção de um futuro melhor.

Surge, aí, o presente estudo que, tendo como tema Arte e Memória Social, visa compreender a efetiva contribuição da arte, em especial dos monumentos históricos, como estímulo à imaginação no sentido de resgatar e valorizar a memória social, procurando responder ao seguinte problema de pesquisa: qual é a contribuição da arte, especificamente dos monumentos históricos, para preservação e promoção da memória social?

---

## **Procedimentos Metodológicos**

Por meio de uma pesquisa bibliográfica, foram analisados e interpretadas obras de diversos autores especializados no assunto, dentre os quais destacam-se Elizabeth dos Santos Braga, Marilena Chauí, Maria Heloísa Ferraz e Maria Rezende e Fusari, Zilda Kessel, Pierre Nora, Michael Pollak e Lev Vigotsky; destaca-se, ainda, a inigualável obra de Ecléa Bosi e suas lembranças de velhos. A partir destas obras, fundamentou-se o referencial teórico que discute a memória, o papel da imaginação, a memória social, a contribuição dos idosos na construção e valorização das memórias sociais, a função da arte na preservação e promoção da memória e a importância dos monumentos históricos.

Assim, o presente artigo justifica-se por explicitar o papel essencial que a arte exerce no sentido de estimular a imaginação por meio dos monumentos históricos, contribuindo para valorizar o que já foi vivido e produzido, desenvolvendo e enriquecendo a memória social.

### **Da criança ao idoso – a construção da memória**

Sons, imagens, gostos, cheiros, toques...

Ouvindo ou vendo, sentindo um sabor ou odor, tocando, o ser humano vai aprendendo a conhecer e reconhecer o mundo ao seu redor; na voz da mãe, no sentimento de amor na família, na convivência com amigos, no ambiente escolar e, mais tarde, profissional, nos erros e acertos, a aprendizagem vai acontecendo e servindo de alicerce para o desenvolvimento pleno, ensinando a lidar com o afeto e a dor, a alegria e a tristeza, a vitória e a derrota. Vivendo e aprendendo, o homem vai construindo suas memórias, conhecendo-se e aos seus semelhantes, criando e descobrindo seu passado e seu futuro.

Da mais tenra infância à velhice, os diferentes sentidos humanos são essenciais para o registro de informações e conteúdos que vão ajudar a construir o conhecimento fundamental à aprendizagem e à vivência em sociedade, utilizando o passado para entender o presente e construir o futuro. Mohs (2013, p. 1, grifo do autor) corrobora:

O primeiro choro de seu filho, o gosto dos biscoitos de polvilho da sua avó, o cheiro da brisa do oceano. São esses tipos de memórias que formam a experiência contínua de sua vida - elas oferecem uma percepção de personalidade. São elas que fazem você se sentir confortável com pessoas e lugares familiares, conectam seu passado com seu presente e oferecem uma estrutura para o futuro. De certa maneira, é nosso conjunto de

---

memórias coletivas - nossa "memória" como um todo - que nos torna quem somos.

Como diz Izquierdo (apud GENTILE, 2003, p. 1), “Somos aquilo que recordamos”, ou seja, é a lembrança de tudo que foi vivido, experienciado, sentido com maior ou menor emoção, que contribui para a construção do conhecimento, seja ele individual ou coletivo, ajudando o ser humano e a sociedade em geral a transformar a percepção imediata em percepção concreta.

Acerca desta ideia, Bergson (apud BOSI, 1994) afirma que as lembranças ou memórias representam a subjetividade do conhecimento, sendo fundamentais para a construção das experiências, já que a percepção imediata ou pura do presente precisa fazer uso de tudo aquilo que já foi vivido para construir percepções reais no presente. Rousso (apud MOREIRA, 2005, p.1, grifo do autor) complementa, afirmando que a característica fundamental da memória “[...] é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade ao tempo que muda”, as rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros”.

Esta identidade, construída a partir da memória, começa na infância e vai consolidando-se nas fases seguintes, dando sentido à personalidade adulta e à coletividade; todavia, é preciso ter em mente que as recordações e seus significados mudam conforme a idade do indivíduo e a constituição dos grupos de que ele vai fazendo parte ao longo de sua vida. Braga (2000, p. 53, grifo do autor) assim explana:

Halbwachs circunscreve as lembranças e a significação aos grupos; o sentido dos acontecimentos muda quando o sujeito muda de grupo. Dessa forma, o autor explica as lembranças da infância e as lembranças do adulto. As lembranças da criança fazem parte do “quadro da família”. Se uma pessoa não se recorda de sua primeira infância é porque suas impressões não têm “esteio”; esta pessoa ainda não se vê como um ente social. O adulto pertence a diferentes grupos e suas recordações fazem parte, então, de diferentes quadros. Mudanças de lugar, de profissão, de família geram maior complexidade e entrecruzamento de influências sociais.

Como complementa Chauí (2000), a memória evoca o passado para que o homem possa reter e salvar o que já se foi, guardando o que tem significado e utilizando o aprendizado para a construção de novos conhecimentos.

Em relação a este significado deve-se atentar para o fato de que aspectos afetivos e psicológicos influenciam o processamento das informações e percepções

e a forma como os dados serão recebidos e registrados. Deste modo, Sé (2012) destaca os momentos de tensão ou estresse (nos quais o excesso de corticoides produzidos pelo organismo influenciam negativamente o processo de memória), a dificuldade em prestar atenção ou concentrar-se (quanto menos focada a pessoa estiver, menor a recepção de informações), as crenças negativas e a autoestima em baixa (não acreditar em si mesmo diminui a capacidade de produzir e altera o desempenho da memória) e os mecanismos de autodefesa (que procuram proteger o indivíduo em relação a emoções prejudiciais) como fatores que interferem negativamente na recepção e registro das informações, prejudicando a memória.

Retomando Chauí (2000), o processo de memorização é influenciado por componentes objetivos e subjetivos; dentre os objetivos, estão as atividades cerebrais que registram as lembranças e a estrutura do que será lembrado; como subjetivos, podem ser citados a importância do fato ou coisa que gera a lembrança, seu significado, o modo como aconteceu, sua importância na prática ou na construção de novos conhecimentos, o sentimento que provocou no momento em que aconteceu. E a autora (2000, p. 162) completa: “Em outras palavras, mesmo que nosso cérebro grave e registre tudo, não é isso a memória e sim o que foi gravado com um sentido ou com um significado para nós e para os outros”.

Como fator de influência na constituição da memória também deve ser destacada a imaginação que, segundo Fenton (2009) tem sido discutida como outro papel do hipocampo, área do cérebro responsável pela memória; deste modo, a percepção das informações e a imaginação estariam diretamente interligadas, afetando-se mutuamente. Tal afirmação vem ao encontro do que já pensavam os antigos gregos, para quem, conforme Kessel (2001), havia uma interligação entre lembrar e inventar.

Neste sentido, importante a contribuição de Bosi (1994) sobre a memória ligada ao outro: inconscientemente, muitas lembranças ou ideias têm origem no diálogo com o outro, são incorporadas como se tivessem sido vividas ou experimentadas pessoalmente, sendo enriquecidas com as próprias experiências e passam a ser entendidas como história pessoal.

Chauí (2000) também colabora, afirmando que, para os filósofos intelectualistas, a imaginação reproduzia a percepção, tanto de maneira direta, em relação ao conhecimento, quanto de maneira indireta, em relação à fantasia.

---

E mais: quanto maior a experiência do sujeito, maior sua assimilação da realidade e maior sua capacidade imaginativa; daí não ser equivocado contrapor memória da realidade e imaginação, pois, de acordo com Vigotsky (2009, p. 23),

A atividade combinatória do nosso cérebro não é algo completamente novo em relação à atividade de conservação, porém torna-a mais complexa. A fantasia não se opõe à memória, mas apoia-se nela e dispõe de seu dados em combinações cada vez mais novas. A atividade combinatória do cérebro baseia-se, em última instância, no mesmo processo pelo qual os traços de excitações anteriores são nele conservados. A novidade dessa função encontra-se no fato de que, dispondo dos traços das excitações anteriores, o cérebro combina-os de um modo não encontrado na experiência real.

E Vigotsky (2009) continua, afirmando que a imaginação contribui imensamente para o desenvolvimento humano, pois amplia a experiência pessoal ao possibilitar que as experiências dos outros ajudem o indivíduo a imaginar o que não vivenciou, ou seja, ao ouvir uma narração ou descrição de algo que ele próprio não tenha testemunhado, ao aprender sobre aspectos históricos ou geográficos de locais que nunca visitou, ao informar-se sobre acontecimentos distantes, o homem aventura-se além de seus próprios círculos e limites, enriquecendo a própria experiência e criando novas memórias.

A estes acontecimentos que não constituem exclusivamente a memória pessoal, Pollak (1992, p. 201) chama de “vividos por tabela”, os quais, por projeção ou identificação, são assimilados como memória individual; tanto os acontecimentos vividos pelo grupo ou sociedade a que o sujeito pertence quanto aqueles que foram socializados política ou historicamente podem ser fortes o suficiente para que sejam praticamente herdados. Para o autor (1992, p.), “[...] podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação”.

Contudo, é importante ser capaz de perceber que, entre o real do presente e o real do passado existe certa distinção, já que o desenvolvimento humano não é estanque, mas dinâmico, complexo, sempre em evolução: a cada momento que passa, o homem muda, sem perceber, e, com ele, suas ideias e memórias. Heráclito já dizia que “Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontram as mesmas águas, e o próprio ser já se

modificou”. Do mesmo modo, Bosi (1994) afirma que por mais que uma pessoa lembre-se de um acontecimento ou fato vivido há muito tempo, a imagem não é mais a mesma, visto que o indivíduo evolui e, com ele, suas percepções, ideias e valores.

Outro ponto que deve ser ressaltado sobre a constituição da memória é a distinção entre os tipos de memória que, para Bergson (apud BOSI, 1994), divide-se internamente em memória pura e memória-hábito: a primeira diz respeito a momentos definidos, evocados do passado para lembrar coisas, fatos ou palavras que não podem repetir-se em função de seu significado para o sujeito; a segunda é mecânica, incorporada nas práticas cotidianas a partir da repetição contínua que leva ao automatismo psíquico e corporal. No entendimento de Chauí (2000, p. 162):

A memória-hábito é um automatismo psíquico que adquirimos pela repetição contínua de alguma coisa, como, por exemplo, quando aprendemos alguma coisa de cor. A memória é uma simples fixação mental conseguida à força de repetir a mesma coisa. Aqui, basta iniciar um gesto ou pronunciar uma palavra, para que tudo seja lembrado automaticamente: recito uma lição, repito movimentos de dança, freio o carro ao sinal vermelho, piso na embreagem para mudar a marcha do carro, riscio uma palavra errada que escrevi, giro a chave para a direita ou para a esquerda para abrir uma porta, etc. Todos esses gestos e essas palavras são realizados por nós quase sem pensarmos neles ou até mesmo sem pensarmos neles. O automatismo psíquico se torna um automatismo corporal. A memória pura ou a memória propriamente dita é aquela que não precisa da repetição para conservar uma lembrança. Pelo contrário, é aquela que guarda alguma coisa, fato ou palavra únicos, irrepetíveis e mantidos por nós por seu significado especial afetivo, valorativo ou de conhecimento.

Neste sentido de conservar lembranças, os objetos exercem papel preponderante na construção da memória, pois, são, na verdade, representações simbólicas do que é produzido e reproduzido pela humanidade. Conforme Vigotsky (apud BRAGA, 2000), muitas vezes o homem utiliza os objetos como estímulos artificiais para lembrar de algo ou alguém. Um bom exemplo sobre o assunto é o livro Guilherme Augusto Araújo Fernandes, de Mem Fox (1995), sobre um menino que morava próximo a um asilo e conhecia todos os idosos que ali residiam; ao saber que a idosa de quem mais gostava havia perdido a memória, o menino procura os velhinhos e vai perguntando a cada um o que é memória. Diferentes respostas dão ao garoto a ideia de juntar objetos e levá-los para a amiga, na tentativa de resgatar suas memórias.

Relacionados à individualidade, os objetos são chamados por Moran (apud BOSI, 1994) de biográficos, justamente por estarem incorporados à vida de cada pessoa, representando experiências, acontecimentos, sentimentos e emoções. Dentre estes objetos, são citados relógios de família, medalhas e instrumentos que representam profissões ou paixões de seus proprietários. De acordo com Bosi (1994), somente um objeto biográfico pode permanecer de maneira inigualável e insubstituível, representando uma continuidade da vida e das experiências.

Importante ressaltar que os estudos sobre a memória e seus elementos constitutivos são antiquíssimos, tanto que na Grécia antiga acreditava-se, conforme Moreira (2005), ser a memória uma deusa, denominada Mnemosyne; por meio da inspiração gerada por suas filhas, as musas da história, música, comédia, tragédia, dança, elegia, poesia lírica, astronomia e eloquência, Mnemosyne era responsável por fazer os homens lembrarem os feitos heroicos antigos. Complementando, Chauí (apud CARNEIRO, 2008) diz que a deusa, pelas mãos de um artista ou historiador, concedia imortalidade a fisionomias, atos ou palavras dos mortais, possibilitando que jamais fossem esquecidos.

Ainda segundo Moreira (2005), os romanos consideravam a memória fundamental à retórica dos oradores; no período medieval, valorizou-se a memória litúrgica para lembrar santos, acontecimentos e milagres; na modernidade, a imprensa, a urbanização e, por fim, a invenção do computador, contribuíram para armazenar de forma mais eficiente a memória sobre os conhecimentos e saberes que antes eram transmitidos apenas oralmente.

Complementando, Costa (2007, p. 4, grifos do autor) afirma que, na Idade Média, a memória era imensamente valorizada, pois aquele foi “[...] um tempo que colocou a memória como *uma das funções da alma*, um tempo que realçou a memória como *fundamento do conhecimento*, um tempo que dignificou a memória como a *posse do bem*”.

Da antiguidade aos dias atuais, a memória continua sendo um mistério intrigante e desafiador. Nas palavras de Braga (2000, p. 13-14, grifo do autor):

Do sagrado ao profano, do *mythos* ao científico, de deusa a faculdade, a função, a processo, passando por Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Descartes, Bergson..., os modos de ver a memória vão se transformando junto com a história e as práticas dos homens. Embora transformada e olhada hoje sob múltiplas perspectivas – história, sociologia, psicologia, neurociências, biologia... – a memória continua a intrigar, a ocupar, de certa forma, um lugar sagrado na constituição

---

do homem, tanto com relação a histórias de vida quanto a grupos e sociedades.

Todavia, ao contrário dos tempos antigos, quando a memória era valorizada como capacidade do sujeito e fonte indispensável de conhecimento, na atualidade, a sociedade nem sempre dá o devido valor à memória. Para Chauí (2000), a infinidade de formas de registro e gravação, bem como a existência de instituições de preservação, a exemplo de bibliotecas e museus, são formas de valorização da memória; por outro lado, nem sempre a memória é vista como base para o conhecimento, principalmente quando a cultura do novo, do descartável é divulgada como objeto de desejo. Neste caso, é importante lembrar que a memória do idoso é, em muitas sociedades, considerada inútil, sem serventia; apenas o jovem, no vigor de sua produtividade, é valorizado.

Bosi (1994) também comenta a memória do idoso: ao ser deixado à margem da sociedade por falta de produtividade, a lembrança de tudo que viveu, experimentou e produziu torna-se uma nova vida, adquirindo significado a partir da consciência do que suportou e compreendeu, provando-lhe sua própria competência.

Estas e outras formas de desvalorização da memória acabam por prejudicar a transmissão do saber produzido por cada sociedade, pois, conforme Bosi (1994, p. 75),

Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há correntes do passado que só desapareceram na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outras épocas. Há maneiras de tratar um doente, de arrumar as camas, de cultivar um jardim, de executar um trabalho de agulha, de preparar um alimento que obedecem fielmente aos ditames de outrora.

E é justamente a essência destas memórias que vai atingir crianças, jovens e adultos de agora. É o que se chama de memória social.

### **Memória social**

Assim como a memória faz parte da história de cada sujeito, individualmente, e vai sendo selecionada e gravada em seus momentos mais significativos, também é parte importante para a constituição da história dos grupos e das sociedades que, do mesmo modo, formam e repassam a memória de maneira coletiva. Neste sentido,

---

Rodrigues (2012, p. 5) afirma que, “para Halbwachs, a memória é um fenômeno social, sendo [...] coletivamente construída e reproduzida ao longo do tempo”, de maneira dinâmica e seletiva, registrando-se somente aquilo que é considerado fundamental ao conhecimento de todo o grupo ou coletividade”.

Deste modo, a memória social é definida por Lopez (2008, p. 32) como “[...] o conjunto de registros eleitos pelo grupo como significativos, que estabelece sua identidade, seu jeito de ser e viver o mundo e decorre dos seus parâmetros históricos e culturais”. Para a autora (2008), este partilhar criativo e dinâmico entre sujeitos e grupos é o que propicia a noção de pertencer a determinada sociedade. Produzindo e reproduzindo, sob a influência de diferentes valores e experiências, os grupos vão construindo e reconstruindo as memórias registradas conforme os fatores mais significativos em cada período histórico.

Neste sentido, interessante citar a importância dos idosos nas sociedades mais primitivas, nas quais eles exercem o que Bosi (1994, p. 63) chama de função de “[...] memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade”, ao guardar as tradições que receberam de outros e, ao mesmo tempo, ensiná-las aos mais jovens.

Relembra-se aqui a lição de Moreira (2005) sobre as musas, filhas de Mnemosyne, a deusa da memória: Clio era a musa da história. Assim, memória e história sempre estiveram muito próximas, embora numa relação complexa, muitas vezes ambígua e tensa: na visão tradicional, acreditava-se que o historiador tinha a função de registrar os fatos e feitos notáveis; mais recentemente, passou-se a perceber uma subjetividade na seleção e na interpretação dos fenômenos históricos, condicionados pela influência dos grupos sociais e do que por eles é determinado como relevante para ser registrado e guardado para a posteridade.

Daí a importância da reflexão e da crítica ao se tomar conhecimento das memórias sociais históricas reproduzidas e difundidas como percepções reais, concretas. Nas palavras de Le Goff (apud MOREIRA, 2005, p. 3-4): “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens”.

Também citando Le Goff, Braga (2000) enumera algumas das formas pelas quais a memória social vai sendo transmitida às gerações seguintes: memória oral e escrita, monumentos, comemorações, calendários, instituições voltadas à

---

preservação das memórias, imprensa, fotografia, memória eletrônica, dentre tantas outras. Neste rol, a arte também exerce papel fundamental, pois, conforme já relatava Moreira (2005) anteriormente, dentre as filhas da deusa da memória estavam as musas da comédia, tragédia, música, dança e poesia lírica.

Parafraseando Medeiros et al. (2008), arte e homem caminham juntos desde o início da história, pois as manifestações culturais representam maneiras de fazer, de expressar-se, de demonstrar relação entre criatividade e realidade, tanto no que diz respeito ao concreto quanto ao mágico e ao espiritual. Em cada momento histórico, a arte esteve presente, acompanhando e representando o desenvolvimento humano, caracterizando grupos e sociedades, configurando culturas e singularidades. Como completam Martins, Picosque e Guerra (2009, p. 10 e 12), a arte une tempo, memória e história:

O que mais caracteriza a unidade e a diversidade de um país, se não sua música, seu teatro, suas formas e cores, sua dança, folclore, poesia? Nessas manifestações, sempre fruto de um amálgama cultural, é que estão mais fortemente gravados os sentimentos e pensamentos de um povo. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade, e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber.

Em relação à memória social, não se pode falar em arte sem mencionar os objetos que representam simbolicamente o conhecimento produzido pelo homem ao longo de sua história, pois, conforme Medeiros et al. (2008, p. 112), “O ser humano é um ser simbólico e a arte patrimônio cultural da humanidade”.

Para Martins, Picosque e Guerra (2009), os objetos ou obras artísticas são metáforas, isto é, substituem simbolicamente, de maneira sensível, pensamentos ou sentimentos, transpondo aos sentidos humanos significados às vezes esquecidos. Segundo as autoras (2009), justamente por ser metáfora, a obra não oferece respostas, mas suscita questionamentos e dá margem ao surgimento de novos olhares e novos significados.

Comentando esta relação entre obra de arte, história e memória, Ferraz e Fusari (2010) afirmam que a arte surge de acontecimentos da história, o que não significa que é produzida por fatos anteriores, mas, da arte é possível sustentar um determinado espaço de tempo preso na história, ou seja, a arte imortaliza os fatos. Sendo assim, a obra de arte ressurgue no decorrer da história, não se restringe a um curto espaço de tempo no qual foi produzida. É capaz de produzir história e de refazer a própria

história que, devido ao seu valor simbólico, requer uma série de interpretações, leituras e execuções, que de tempo em tempo a faz reviver. Sendo assim, a obra de arte assume um caráter transitório entre os tempos, adquirindo um valor temporal na sua existência e intemporal no ato de sua criação. Neste mundo de contradições, entre seu nascimento e sua transição pelo tempo, a obra de arte nutrida pela história, contribui para o tempo.

Dentre as inúmeras obras artísticas que podem ser citadas estão os monumentos, objetos que foram erguidos para homenagear alguém ou lembrar determinados acontecimentos, mas que, no decorrer da história, tiveram seus sentidos ampliados, conforme explica Turazzi (2009, p. 44): se antes eram representações intencionais com vistas à posteridade, hoje adquirem sentido de “testemunhos do passado”, já que lhes são atribuídos valores artísticos ou históricos.

### **Monumentos históricos**

Monumentos históricos são objetos artísticos ou bens materiais, isto é, estruturas erguidas para simbolizar, comemorar ou homenagear pessoas, acontecimentos ou fatos significativos para determinados grupos ou sociedades. Segundo a Carta de Veneza de 1964, publicada pela Revista Museu (2013, p. 1), a definição é bem abrangente:

O conceito de monumento histórico engloba, não só as criações arquitetônicas isoladamente, mas também os sítios, urbanos ou rurais, nos quais sejam patentes os testemunhos de uma civilização particular, de uma fase significativa da evolução ou do progresso, ou algum acontecimento histórico. Este conceito é aplicável, quer às grandes criações, quer às realizações mais modestas que tenham adquirido significado cultural com o passar do tempo.

Deste modo, são monumentos históricos as construções antigas (como palácios, pirâmides ou casarões), estátuas, praças, chafarizes, pontes, enfim, aquilo que Nora (1993) chama de lugares de memória, estruturas criadas para incentivar a memória e despertar lembranças de fatos que não devem ser esquecidos. Pode-se dizer, então, que os monumentos históricos possuem historicidade, relação com momentos específicos da história humana, mesmo que, ao longo dos tempos tenham adquirido diferentes significados ou sentidos, ao sabor das ideologias dominantes. São eles que mantêm viva a história e a memória da humanidade.

---

Contribuindo, Mattos (2003) chama os monumentos históricos de alicerces da memória, enquanto Harger (apud MATTOS, 2003) diz que, mantendo viva a memória de antepassados, os monumentos históricos preservam memórias e caracterizam um tempo que não volta mais, valorizando experiências e culturas.

De acordo com Carneiro (2008), é exatamente no outro que dá-se a sobrevivência humana, não exatamente por este outro estar vivo, mas por meio das lembranças que lhe são despertadas pelos monumentos erigidos em honra de feitos daqueles que já se foram.

Para Mariuzzo (apud CARNEIRO, 2008, p. 3), “Monumentos são parte do patrimônio cultural de um povo ou de uma nação, eles servem como um elo entre presente e passado dando um sentido de continuidade”; sua preservação deve ter por base um projeto no presente que possa contribuir para que este patrimônio faça realmente parte do cotidiano dos homens e sirva como exemplo e conhecimento, melhorando a qualidade de vida de todos que deles usufruem.

Como patrimônio cultural material, concreto, os monumentos históricos têm imenso significado social, pois representam formas de perpetuar o passado, pontes entre o ontem e o hoje, dando sentido ao presente, possibilitando melhoria na qualidade de vida das sociedades e contribuindo para a construção da identidade e da cidadania dos grupos e da coletividade.

Deve-se frisar, no entanto, que o conceito de monumento histórico como representação do passado e da memória social herdada, devendo, por isso, ser devidamente apreciada e valorizada, remonta originalmente aos idos de 1420, quando, segundo Meira (2004, p. 2), houve uma fusão nas “[...] perspectivas histórica, artística e de conservação”. Até este período, a preservação dos temas históricos e dos objetos de antigas civilizações encontrados eram preocupação de apenas uns poucos; a partir daí, cresceu a conscientização sobre a relação entre as antiguidades e a memória/história da humanidade e os monumentos históricos passaram a ser considerados patrimônios coletivos.

Atualmente, contudo, é preciso alertar para o que Costa (2007, p. 12, grifos do autor) chama de crise da história e da memória, que tira o sentido da existência humana: “Sem memória, hoje, nossa civilização caminha desnordeada, pois não conhece seu passado, não tem consciência em seu presente, e não projeta perspectiva no futuro”.

Sobretudo pelo vertiginoso desenvolvimento tecnológico, monumentos históricos e pessoas que vivenciaram os momentos que a eles deram origem não são devidamente valorizados; neste sentido, o papel da arte é vital para a recuperação, preservação e divulgação do conhecimento histórico representado pelos monumentos. De acordo com Turazzi (2009, p. 29), presente e passado estão interligados pelo que o homem pensa sobre tempo, memória e história, sendo “[...] essenciais para a compreensão da forma como representamos esse tempo pretérito, o lugar que a história ocupa em nosso presente e o modo como são tratados os vestígios do passado.

Os monumentos históricos, as memórias individuais e coletivas por eles evocadas, representam a identidade, a continuidade de um povo. Preservá-los e promovê-los para as presentes e futuras gerações é dever de todos e de cada um. E esta valorização passa tanto pela gestão pública de um patrimônio que é coletivo quanto pelo reconhecimento do papel que cada cidadão, criança, jovem, adulto ou idoso exerce em sua divulgação. É o que Abreu e Chagas (2009) chamam de unir saberes tradicionais e locais aos saberes específicos na construção não apenas de um acervo de bens, mas, acima de tudo, de conhecimento indispensável ao desenvolvimento pessoal, econômico e social.

## **Resultados e Discussão**

Da infância à velhice, a memória vai sendo construída por meio dos mais diversos sentidos humanos, por meio de experiências felizes ou infelizes, de erros e acertos que enriquecem a aprendizagem e contribuem para que o passado seja uma ponte para a melhoria das vivências do presente e para a construção de um futuro melhor.

Assim como a memória, a imaginação também é fundamental neste processo de construção de percepção e reprodução do real e da fantasia, seja em relação ao próprio conhecimento e às próprias memórias, que mudam e transformam-se junto com o desenvolvimento e crescimento humanos, seja em relação aos conhecimentos e memórias alheios que, socializados por projeção ou identificação, passam a também constituir a memória individual.

E nessa socialização da memória, surge a memória social, um fenômeno dinâmico que perpassa grupos e sociedades e, seletivamente, vai sendo registrado e

---

partilhado, propiciando a noção de pertencimento e ajudando a consolidar momentos significativos que caracterizam a identidade de um povo. Importante ressaltar, neste sentido de resgate, preservação e disseminação de memórias, o papel exercido pelos idosos, personagens à margem da sociedade produtiva e, no entanto, figuras riquíssimas em experiências que valem a pena ser conhecidas e valorizadas. Se a memória social partilha momentos ou personagens que muito contribuíram para o desenvolvimento de determinados grupos ou mesmo de todos os povos, os idosos são a história viva, motivo pelo qual é importante aliar seu conhecimento ao conhecimento reproduzido pela arte.

A arte, é, aliás, uma outra forma de se disseminar esta memória social, pois as manifestações artísticas acompanham o homem desde a pré-história e vêm, junto com a humanidade, evoluindo e dando margem ao surgimento de novas formas de expressar o fazer e o sentir, aliando criatividade, imaginação, história e memória, representando culturas e singularidades.

Pela arte, os objetos representam simbolicamente as produções culturais humanas, servindo como estímulos artificiais para lembrar às gerações atuais e futuras tudo aquilo que as gerações do passado produziram e reproduziram. Assim, a arte torna-se, na verdade, um patrimônio, independente das formas de expressão, dentre as quais se destacam os monumentos históricos que não apenas representam simbolicamente figuras ou acontecimentos memoráveis, mas, também, servem como evidências do passado por seu valor histórico, por sua contribuição ao conhecimento e à cultura da atualidade e dos tempos por vir.

Os monumentos históricos, sejam eles edifícios, estátuas, praças ou quaisquer outros, deixaram de ser, ao longo dos tempos, simples estruturas de tijolo e cimento para transformar-se em história viva, despertando memórias e estimulando a imaginação, trazendo à tona lembranças inestimáveis.

Deste modo, a partir deste breve estudo, a arte, em especial os monumentos históricos, é um aspecto vital para a preservação, a promoção e a valorização das memórias sociais. Mais que um fim em si mesma, a arte é, antes de tudo, um meio para trazer à tona lembranças do passado e transformá-las em recursos inestimáveis à melhoria da qualidade de vida no presente e à construção de um futuro mais humano e mais consciente sobre o valor de todos os cidadãos que contribuíram para a formação da cultura de grupos e sociedades.

## Referências

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. (Orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRAGA, Elizabeth dos Santos. **A constituição social da memória**: uma perspectiva histórico- cultural. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.
- CARNEIRO, Neri de Paula. **Da memória à história**. Abr./2008. Disponível em:  
< [www.webartigos.com/artigos/da-memoria-a-historia/5296/](http://www.webartigos.com/artigos/da-memoria-a-historia/5296/) >. Acesso em: 26 out. 2015.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- COSTA Ricardo da. História e memória: a importância da preservação e da recordação do passado. **Revista Eletrônica Ciências Sociais**, Vitória, n. 2, v. 1, p. 02-15, 2007. Disponível em:  
<[http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/ricardocosta\\_artigo.pdf](http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/ricardocosta_artigo.pdf)>. Acesso em: 26 fev. 2015.
- FENTON, Andre. **Segredos do cavalo-marinho**. Abr./2009. Disponível em:  
<[http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/segredos\\_do\\_cavalo-marinho.html](http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/segredos_do_cavalo-marinho.html)>. Acesso em: 22 fev. 2015.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Arte na educação escolar**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- GENTILE, Paola. **Lembre-se**: sem memória não há aprendizagem. Jun./2003. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/memoria-aprendizagem-406599.shtml>>. Acesso em: 20 fev. 2015.
- KESSEL, Zilda. **Memória e memória coletiva**. Jan./2007. Disponível em:  
<[www.museudapessoa.net/public/editor/memoria\\_e\\_memoria\\_coletiva.pdf](http://www.museudapessoa.net/public/editor/memoria_e_memoria_coletiva.pdf)>. Acesso em: 20 fev. 2015.
- LOPEZ, Immaculada. **Memória social**: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local. São Paulo: Museu da Pessoa: Senac São Paulo, 2008.
- MATTOS, Tarcísio. (Ed.). **Alicerces da memória**: 60 bens tombados pelo estado de Santa Catarina. Florianópolis: Tempo Editorial, 2003.
- MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Teoria e prática do ensino da arte**: a língua do mundo. São Paulo: FTD, 2009.

---

MEDEIROS, Adriana. et al. **Proposta curricular da rede municipal de ensino de Tubarão**. Tubarão: Copiart, 2008.

MEIRA, Ana Lúcia Goelzer. Políticas públicas e gestão do patrimônio histórico. **História em Revista**, v. 10, dez./2004. Disponível em: <[http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/downloads/historia\\_em\\_revista\\_10\\_ana\\_meira.pdf](http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/downloads/historia_em_revista_10_ana_meira.pdf)>. Acesso em: 28 fev. 2015.

MOHS, Richard C. **Como funciona a memória humana**. Disponível em: <<http://saude.hsw.uol.com.br/memoria-humana.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. **História e memória**: algumas observações. **Praxis**, Revista Eletrônica de História e Educação, ano 2, n.2, 2005. Disponível em: <<http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/História-e-Memória.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2015.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. In: Projeto História, Revista de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, p. 7-28, dez./1993. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>. Acesso em: 28 fev.2015.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <[www.pgedf.ufpr.br/downloads/.../memoria\\_e\\_identidade\\_social.pdf](http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/.../memoria_e_identidade_social.pdf)>. Acesso em: 20 fev. 2015.

REVISTA Museu. **Carta de Veneza**. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/legislacao/patrimonio/veneza.htm>>. Acesso em: 28 fev. 2015.

RODRIGUES, Donizete. **Patrimônio cultural, memória social e identidade**: uma abordagem antropológica. Maio/2012. Disponível em: <<http://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/docs/ubimuseum-n01-pdf/CS3-rodrigues-donizete-patrimonio-cultural-memoria-social-identidade-uma%20abordagem-antropologica.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

SÉ, Elisandra Vilella G. **Como as emoções influenciam a memória**. 2012. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/vyaestelar/memoria\\_psicologia.htm](http://www2.uol.com.br/vyaestelar/memoria_psicologia.htm)>. Acesso em: 20 fev. 2015.

TURAZZI, Maria Inez. **Iconografia e patrimônio**: o catálogo da exposição de história do Brasil e a fisionomia da nação. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

VIGOTSKY, Lev S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores. São Paulo: Ática, 2009.

**Dados para contato:** Juliana Natal da Silva    **E-mail:** [juliana.artes@unibave.net](mailto:juliana.artes@unibave.net)